



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS - I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JANAÍNA GONZAGA CAVALCANTE RODRIGUES

**MÉTODOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE
2016**

JANAÍNA GONZAGA CAVALCANTE RODRIGUES

**MÉTODOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia em
cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual
da Paraíba.

Orientadora: Prof^a.Dra Vagda Gutemberg
Gonçalves Rocha

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R696m Rodrigues, Janaína Gonzaga Cavalcante
Métodos de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental [manuscrito] / Janaína Gonzaga Cavalcante Rodrigues. - 2016.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha, Departamento de Pedagogia".

1. Ensino fundamental 2. Processo de ensino-aprendizagem
3. Sala de aula 4. Professor I. Título.

21. ed. CDD 372

JANAÍNA GONZAGA CAVALCANTE RODRIGUES

MÉTODOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Pro-Reitoria de Graduação da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

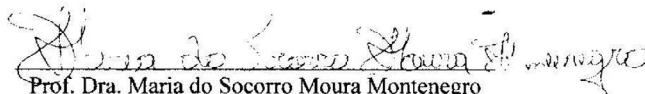
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 09/10/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha
Orientadora/UEPB



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Examinadora/UEPB



Prof. Dra. Maria José Guerra
Examinadora/UEPB

A Deus por sua graça em minha vida, aos meus filhos,
pelo grande amor que os tenho, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha pela contribuição e orientação para o desenvolvimento desta pesquisa, especialmente, pela dedicação.

Ao meu esposo Paulo Roberto Almeida Rodrigues, aos meus filhos Vinicius Gonzaga, Letícia Gonzaga, Diego Gonzaga e Tiago Gonzaga, pela compreensão por minha ausência nos momentos familiares. Ao meu pai Luiz Cavalcante de Souza, pelo esforço dedicado aos meus estudos.

À minha mãe Francisca Gonzaga Cavalcante (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, mas em vida foi quem muito motivou a minha formação acadêmica.

À professora Dra. Maria José Guerra por sua motivação e confiança, o meu muito obrigado.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB.

À Elisângela Araújo que foi meu maior apoio nos momentos mais difíceis durante o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos familiares e colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Os professores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos” (CURY, 2003).

MÉTODOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Janaína Gonzaga Cavalcante Rodrigues*

RESUMO

As questões que envolvem o ensino-aprendizagem têm sido muito discutidas entre pesquisadores, professores, pais, gestores e a sociedade de um modo geral. Isso por conta da relevância do tema para a formação dos educandos e, conseqüentemente, dos cidadãos, uma vez que, a educação está na base da sociedade. Assim, o presente artigo busca identificar os métodos de ensino mais comumente utilizados em sala de aula por professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola privada de Campina Grande. A pesquisa, de natureza qualitativa, se deu a partir de um levantamento teórico pautado nos estudos de Becker (1993), Johson (2010), Libâneo (1994), Luckesi (1994), Mizukami (1986), Moreira (2016), Saviani (1991), Skinner (1970), Woolfok (2009), Vygotsky (1987), Piaget (1973), dentre outros, que possibilitou a análise do objeto pretendido, bem como a coleta de dados através de um questionário e, em seguida a análise dos mesmos. De acordo com os dados coletados, é possível afirmar que as professoras colaboradoras não adotam um método puro, único. Há uma mescla, uma imbricação de métodos.

Palavras-Chave: Métodos de ensino e aprendizagem. Sala de aula. Professor.

1 INTRODUÇÃO

No decorrer de anos, em sala de aula, observamos que professores se perguntam qual seria o melhor caminho para que o aluno pudesse atingir de maneira eficaz seu aprendizado. É que cada aluno é um ser individual e único e também que cada um tem seu repertório de conhecimento internalizado, ao longo da vida, pela educação informal. Observamos que, por várias vezes, professores buscam métodos de ensino para melhorar suas práticas em sala de aula, no entanto, nem sempre atingem a totalidade dos alunos, levando aqueles que não foram atingidos a não entenderem o conteúdo, a serem prejudicados, restando dúvidas e interrogações.

Se o professor não observar atentamente e se ainda não tiver o cuidado de analisar essas questões em sala de aula, muitos alunos permanecerão com suas dúvidas, chegando a estagnar na aprendizagem. Desse modo, podemos nos perguntar o que o professor pode fazer

* Aluna concluinte de Graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

Email: janainagonzagacr2013@gmail.com

nesse momento para ajudar seu aluno? A partir deste questionamento, e pensando na importância do método para o processo de ensino-aprendizagem, é que propomos a discussão desse artigo.

A educação é um direito de todos, conforme destaca a LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação, Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Assim, podemos dizer que a Educação direciona o futuro e a vida social do indivíduo, sabemos que todo aluno recebe inicialmente uma educação informal e que a educação formal, a escolar, complementa a formação desse indivíduo com conceitos e saberes técnicos, científicos, históricos e matemáticos, no universo escolar.

Esses conceitos são organizados em disciplinas que, por sua vez, são divididas em conteúdos, explorados de acordo com a faixa etária de cada turma e nível de aprendizagem. Com a grande responsabilidade de transmitir esses conteúdos, a escola e os professores ficam incumbidos de desenvolver métodos para atingir seus objetivos e encontrar a melhor maneira para facilitar o aprendizado do aluno em sala de aula, para tanto, o professor aplica os métodos de ensino e aprendizagem.

A partir dessas observações e mesmo sabendo que o tema Métodos de Ensino e Aprendizagem é bastante debatido nas escolas e estudado por pedagogos, o presente trabalho tem como objetivo identificar os métodos de ensino mais comumente utilizados em sala de aula por professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, realizamos uma pesquisa em uma escola da rede privada de ensino na cidade de Campina Grande Pb, nomeada por Escola X, a fim de preservar o seu anonimato. Para realização da pesquisa contamos com a devida autorização da direção escolar e com o consentimento das professoras colaboradoras. Para a coleta de dados elaboramos questionários que foram distribuídos para que as colaboradoras respondessem individualmente. Os dados coletados foram analisados a partir de autores como: Luckesi (1990), Libaneo (1994), Mizukami (1986), dentre outros. Como resultado, podemos inferir que, mesmo afirmando usarem o método de ensino e aprendizagem tradicional, as professoras pesquisadas não fazem uso de um método único, mas sim de uma mescla, um imbrincado de métodos na tentativa de que seus alunos alcancem a aprendizagem desejada.

2 A RELEVÂNCIA DO MÉTODO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM

A educação ajuda o cidadão a desenvolver aspectos individuais e coletivos. De acordo com a Carta Magna brasileira, ela é considerada um direito de todos. E pensando na relevância da educação para a formação do indivíduo, concebemos a escola como o espaço em que a formação do cidadão terá maior destaque e responsabilidade. Segundo Cipriano Luckesi (1990 p. 56-57), o papel da escola consiste:

(...) na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade. O compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade. O caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos, desde que se esforcem. (...). Os conteúdos são repassados da experiência do aluno e das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual, razão pela qual a pedagogia tradicional é criticada como intelectualista e, às vezes, como enciclopédica.

Libâneo, em seu livro *Didática* (1994. p. 19), diz que o papel social da educação é o de transmitir conteúdos determinados pela sociedade, pois “desde o início da história, os indivíduos e grupos travavam relações recíprocas diante da necessidade de trabalharem conjuntamente para sua sobrevivência”. O autor considera o convívio social como fator primordial das desigualdades entre os homens. E a escola como instituição social possui objetivos e metas dirigidos aos alunos ali inseridos, dentre estes estão a formação do caráter, valores e princípios morais, que direcionarão o aluno a utilizar os conhecimentos aprendidos, espera-se, em favor da sociedade e de uma realidade melhor para todos. Há que se ressaltar que a escola não apenas transmite conhecimentos, mas também os produz.

Na escola, o indivíduo aprimora a convivência com o diferente, entra em contato com diversas raízes, seus primeiros círculos de amigos e percebe-se parte de uma situação coletiva, aprendendo, assim, a dialogar, a ouvir, a discutir, a levantar hipóteses e achar soluções. Esses valores e aprendizados são desenvolvidos no convívio escolar e ajudam as relações sociais no decorrer da vida do indivíduo.

Mediante a condição de também transmitir conteúdos, é necessário entender o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, bem como a função que exerce cada integrante da mesma. O professor, por exemplo, tem como função proporcionar mecanismos que levem o aluno a pensar, a fazer perguntas e a encontrar possíveis respostas. O papel de ensinar, transmitir conhecimentos, preparar o aluno para vida, cabe também ao professor e de

forma inteligente, ele deverá escolher o melhor caminho a ser seguido para guiar seus alunos nos conteúdos aplicados. E quando o professor caminha junto com seus alunos em busca de meios facilitadores, isso o leva a não ser o detentor de conhecimentos, ou seja, o professor passa a trilhar um caminho lado a lado com seu aluno.

Existem diversas dificuldades encontradas em sala de aula e uma delas é o tempo perdido pelos professores para iniciar sua aula. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgou que no ano de 2013 foi realizado uma pesquisa com professores de 33 países e foi constatado que no Brasil os professores perdem 20% do tempo de aula acalmando os alunos e colocando a sala em ordem. Os problemas apontados pelos professores são vandalismo, intimidação verbal, brigas entre alunos, drogas, atraso de alunos, roubo, entre outros. Poderíamos falar sobre outras dificuldades na sala de aula, mas o que chama a atenção é o fato de que a problemática é dispensada ao aluno e ao seu convívio social.

Quando falamos no papel do estudante podemos dizer que é o protagonista principal do processo ensino e aprendizagem, pois ele está ali para absorver/desenvolver conhecimentos. Faz-se necessário que o aluno saiba que esse aprendizado não visa apenas boas notas nas provas ou a realização dos exercícios. Ao contrário, passar de ano e realizar as atividades cotidianas exigidas pela escola não são por si só os motivos pelos quais se é estudante, mas sim as etapas que o aluno deve passar para chegar ao cumprimento de seu verdadeiro papel que é absorver/desenvolver conhecimentos e experiências de modo a atingir objetivos maiores em longo prazo.

2.1 Conceituando Método

Para transmitir os conteúdos, os professores utilizam os métodos de ensino, que podemos dizer que são as ações pelas quais se organizam os planejamentos, as atividades de ensino, etc. A palavra método vem do latim, *methodu* e no grego *métodos*, importantíssima na etimologia matemática: *metá* (reflexão, raciocínio, verdade) + *hódos* (caminho, direção). *Méthodes* refere-se a certo caminho que permite chegar a um fim. Assim, ao falarmos Métodos de Ensino e de Aprendizagem, dizemos de um trajeto para se chegar ao objetivo proposto. No caso específico da educação escolarizada, o fim ou objetivo seria a aprendizagem do aluno de maneira eficaz. Servir-se de um método é, antes de tudo, tentar ordenar o trajeto através do qual se possa alcançar os objetivos projetados (www.dicionarioetimologico.com.br/metodo/ Acesso em 20/10/2016).

Os métodos de ensino são determinados como meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, são as ações realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos. Os pais ao matricularem seus filhos nas escolas e, principalmente, quando é a primeira escola, perguntam que método é aplicado na escola e em sala de aula, mesmo que, alguns deles nem saibam qual seria o melhor método, ou como é trabalhado cada método e até mesmo se realmente é necessário saber qual método a trabalhar, ainda assim, o tema sempre está no centro das atenções.

2.2 Categorizando os métodos a partir das abordagens de ensino e aprendizagem

Os Métodos de Ensino e Aprendizagem se dividem em Direto e Indireto. No Ensino Direto, educar significa formar novos cidadãos. Seria fazer com que o indivíduo tenha capacidade de desenvolver conhecimentos conteudistas com o auxílio do professor e também conhecimentos sociais para nortear seu futuro. Baseia-se em conhecimentos adquiridos na escola, objetivando a interação do indivíduo na sociedade a partir de princípios morais e culturais, pois uma boa educação faz o cidadão interagir com base na sua capacidade individual (JOHNSON, 2010).

A forma direta de ensino para Johnson (2010) é uma maneira efetiva de ensinar fatos, datas, regras e acontecimentos, enfim conteúdos, sendo a antítese do método indireto. Historicamente podemos dizer que esse método surgiu nos Estados Unidos nos meados da década de 1950, foi se desenvolvendo e teve maior crescimento na década de 1960 com Engelmann e Bereiter que realizaram trabalhos com crianças ministrando aulas direcionadas aos conteúdos. Para Cipriano Luckesi (1990, p.57) os métodos “baseiam-se na exposição verbal da matéria e/ou demonstração. [...] A ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos ou fórmulas na memorização visa disciplinar a mente e formar hábitos”. Podem ser elencados dentre os métodos de ensino direto: o tradicional e o crítico-social dos conteúdos, por exemplo, apesar de estes serem bastante diferentes um do outro.

O método indireto centraliza o aluno estimulando as pesquisas e incentivando as descobertas. Este método tem como fundamentos teóricos os autores e modelos construtivistas, mas também humanistas, a exemplo de Carl Rogers. Segundo Woolfolk et al (2009) a maioria dos construtivistas focam-se em dois pontos principais: 1º os alunos são responsáveis pela construção do seu próprio conhecimento e 2º as interações sociais são importantes para essa construção (<http://research.kinasevych.ca/2009/04/>).

Para Piaget, a pessoa, a todo o momento interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. O conhecimento é construído por informações advindas da interação com o ambiente, na medida em que o conhecimento não é concebido apenas como sendo descoberto espontaneamente, nem transmitido de forma mecânica pelo meio exterior, mas como resultado de uma interação na qual o sujeito é sempre um elemento ativo na busca de compreender o mundo que o cerca (MOREIRA, 1999).

Nas escolas brasileiras encontramos várias linhas pedagógicas ou Métodos de Ensino e Aprendizagem que, neste trabalho, trataremos como semelhantes, dado o uso que se faz destes termos na literatura concernente à área. Dentre as linhas pedagógicas/métodos de ensino aprendizagem podemos citar: a tradicional, a humanista, a montessoriana, a interacionista ou construtivista, a pedagogia de projetos, a crítico social dos conteúdos e o estudo do meio, entre outros. Mas a grande pergunta é: Qual seria a melhor opção para o aprendizado escolar diante das opções apresentadas? Dizer qual a melhor seria muito arriscado, pois é muito comum que elas sejam encontradas de forma mesclada nas instituições de ensino.

Aqui discutiremos algumas dessas linhas pedagógicas ou Métodos de Ensino e Aprendizagem, iniciaremos pela pedagogia tradicional, o método diretivo mais conhecido e o mais comum no Brasil. Nas escolas tradicionais o conhecimento é centrado no professor, o adulto é considerado como ser acabado, “pronto” e o aluno é um “adulto em miniatura”, que precisa ser atualizado e essa atualização ocorre através de apostilas e cartilhas. As aulas se baseiam nas exposições e nas demonstrações do professor à classe. O professor traz o conteúdo pronto e o aluno se limita a escutar. Os estudantes têm metas a cumprir, que são avaliadas por meio de provas escritas. Quem não atingir a nota mínima exigida no decorrer do ano letivo, para passar de ano, é reprovado e precisa refazer o curso.

De acordo com Mizukami (1986), o método tradicional não está baseado em teorias e sim na prática de educadores na tentativa de transmitir conhecimentos obtidos pela humanidade, de forma mecânica, generalizada onde as particularidades não são respeitadas. Podemos observar que, independente do conhecimento do aluno, ele sempre seria sujeito passivo e o professor, sujeito ativo. Para Saviani (1999, p. 18), o professor deveria, nesse método, ter as seguintes características:

(...) o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas em forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente.

Já o método de ensino e aprendizagem humanista ou libertário, método não diretivo ou indireto, espera que a escola exerça uma transformação na personalidade dos alunos, num sentido libertário e auto gestor, ou seja, a função da instituição escola é a de estimular a busca pelo aprendizado em seus alunos. O método de ensino e aprendizagem utilizado pela pedagogia humanista ou libertária acontece na vivência grupal onde alunos e professores convivem em equilíbrio, preservando e valorizando as diferenças e individualidades. Os conteúdos e as matérias que podem ser transmitidas no ambiente escolar são colocadas à disposição do aluno sem que exista a obrigação de cursá-las, porque o que realmente é importante para este método é o conhecimento que resulta das experiências vividas pelo grupo.

O método de ensino e aprendizagem humanista ou libertário considera desde o início a ineficácia e a nocividade de todos os métodos à base de obrigações. Nesse sentido, o professor deve estar a serviço do aluno sem impor suas concepções e ideias, sem fazer do aluno um objeto. O professor deve compor o grupo para uma reflexão em comum. Toda essa liberdade tem um sentido bem claro, se um aluno resolve não participar e não se sente integrado ao grupo, mas o grupo tem responsabilidade sobre esse fato e tem que colocar a questão em discussão. O critério de relevância do saber é seu possível uso prático. Por isso mesmo não faz sentido qualquer tentativa de avaliação da aprendizagem pelo termo de conteúdo (MIZUKAMI, 1986).

No método de ensino e aprendizagem comportamentalista, diretivo, o conhecimento é uma "descoberta" e é nova para o indivíduo que a faz. O que foi descoberto, porém, já se encontrava presente na realidade exterior. Os comportamentalistas consideram a experiência ou a experimentação planejada como a base do conhecimento, o conhecimento é o resultado direto da experiência. O indivíduo é uma consequência das influências ou forças existentes no meio ambiente. A hipótese de que o indivíduo não é livre é absolutamente necessária para se poder aplicar um método científico no campo das ciências.

O homem dentro desse referencial é considerado como o produto de um processo evolutivo. A realidade para Skinner (1970, p. 226), é um fenômeno objetivo, o mundo já é construído e o homem é produto do meio. O comportamento, por sua vez, pode ser mudado modificando-se as condições das quais ele é uma função, ou seja, alterando-se os elementos ambientais. A sociedade ideal, para Skinner, é aquela que implicaria um planejamento social e cultural. Qualquer ambiente, físico ou social, deve ser avaliado de acordo com seus efeitos sobre a natureza humana.

A escola é considerada e aceita como uma agência educacional que deverá adotar forma peculiar de controle, de acordo com os comportamentos que pretende instalar e manter. Aos educandos caberia o controle do processo de aprendizagem, um controle científico da educação, o professor teria a responsabilidade de planejar e desenvolver o sistema de ensino aprendizagem, de forma tal que o desempenho do aluno seja maximizado, considerando-se igualmente fatores tais como economia de tempo, esforços e custos.

Nessa linha pedagógica ou método, se incluem tanto a aplicação da tecnologia educacional e das estratégias de ensino quanto as formas de reforço no relacionamento professor-aluno. A avaliação decorrente do pressuposto de que o aluno progride em seu ritmo próprio, em pequenos passos, sem cometer erros, a avaliação consiste em se constatar se o aluno aprendeu e atingiu os objetivos propostos quando o programa foi conduzido até o final de forma adequada.

Já o método de ensino e aprendizagem Montessoriano, não diretivo ou indireto, é baseado na filosofia de Maria Montessori (1870 – 1952). Para esta pesquisadora italiana a criança deve buscar sua autoformação e construção, e os adultos têm de ajudá-la nesse processo, favorecendo o desenvolvimento de indivíduos criativos, independentes, confiantes e com iniciativa (MIZUKAMI, 1986.).

Segundo o método Montessori, é agindo que o aluno adquire conhecimento. As crianças escolhem as atividades que querem fazer. Ao adulto cabe ordenar o trabalho com gradação de dificuldade crescente, respeitando o ritmo de cada aprendiz e sem intervenções indevidas. As classes têm crianças de idades diferentes. Incentiva-se o trabalho em grupo e todos os estudantes são estimulados da mesma maneira. Para auxiliar na aprendizagem, Maria Montessori criou vários materiais. Um dos mais famosos é o material dourado, composto por cubos, placas, barras e cubinhos que têm o objetivo de facilitar o entendimento das operações matemáticas (MIZUKAMI, 1986).

Outra importante referência é o método construtivista também conhecido como Piagetiano porque as ideias desse método vieram do biólogo suíço Jean Piaget. Esse método também está classificado dentre os não diretivos. As escolas que adotam o construtivismo estimulam o aluno a construir seu conhecimento ao invés de recebê-lo passivamente através do professor. Os alunos são vistos como indivíduos únicos, capazes de solucionar seus problemas, são criadas situações para estimular o aluno a pensar e a buscar soluções. (MIZUKAMI, 1986).

Cada aluno tem seu tempo de aprendizado particular e é muito comum e valorizado o trabalho em grupo. Existem períodos de avaliações e os alunos devem atingir as expectativas

estabelecidas, caso contrário é reprovado, essa avaliação não é imposta a nota e sim conceitos. Segundo Becker, (1993. p.88), para o construtivismo nada a rigor está pronto e acabado:

[...] especificamente o conhecimento não é dado em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constrói pela interação do indivíduo com o meio físico social com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais, e se constrói por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia na bagagem hereditária ou no meio de tal modo que podemos afirmar que antes da ação prévia não há psiquismo nem consciência e, muito menos pensamento.

Já no método de projetos, diretivo, o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento. Portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor – para criar situações de aprendizagem cujo foco incida sobre as relações que se estabelecem nesse processo, cabendo ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações. No desenvolvimento do projeto, o professor pode trabalhar com os alunos diferentes tipos de conhecimentos que estão representados em termos de três construções:

- 1- Procedimentos e estratégias de resolução de problemas;
- 2- Conceitos disciplinares e estratégias;
- 3- Conceitos sobre aprender.

Para fazer a mediação pedagógica, o professor precisa acompanhar o processo de aprendizagem do aluno, ou seja, entender seu caminho, seu universo cognitivo e afetivo, bem como sua cultura, história e contexto de vida. Além disso, é fundamental que o professor tenha clareza da sua intencionalidade pedagógica para saber intervir no processo de aprendizagem do aluno, garantindo que os conceitos utilizados, intuitivamente ou não, na realização do projeto sejam compreendidos, sistematizados e formalizados pelo aluno. Outro aspecto importante na atuação do professor é o de propiciar o estabelecimento de relações interpessoais entre os alunos e respectivas dinâmicas sociais, valores e crenças próprios do contexto em que vivem. Portanto, existem três aspectos fundamentais que o professor precisa considerar para trabalhar com projetos: (<http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogiadeprojetos/index.php?pagina=2>).

- 1- As possibilidades de desenvolvimento de seus alunos;
- 2- As dinâmicas sociais do contexto em que atua;
- 3- As possibilidades de sua mediação pedagógica.

Verificamos que cada método determina uma prática em sala de aula e, conseqüentemente, no processo de ensino e aprendizagem. A partir das escolhas efetuadas pela escola e por professores serão produzidos efeitos no universo escolar e, essencialmente, no alvo de todo o processo: o aluno.

3. Compreendendo o campo de estudo

3.1 O universo do educador

Para qualquer realidade escolar a relação educador-educando e ensino-aprendizagem perpassam pelo cotidiano e elementos dentro e fora do ambiente da escola. Alunos e professores passam por uma formação anterior, o aluno pela educação informal e o professor pela formação profissional, ambos se encontrarão em sala de aula, onde suas vivências deverão ser de crescimento mútuo. E nessa perspectiva, a escolha de um método interfere não só no processo de ensino, como também na aprendizagem e, sucessivamente, no desenvolvimento escolar como um todo. Assim, a presente pesquisa discorre sobre a realidade pedagógica de uma determinada escola a fim de discutir métodos de ensino e aprendizagem mais comumente utilizados pelas educadoras do Ensino Fundamental I que participaram dessa pesquisa.

Este trabalho, de natureza qualitativa, se fundamentou a partir de um levantamento teórico que possibilitou a análise pretendida. Os dados utilizados para a análise foram coletados por meio de questionário (cf Apêndice A) distribuído entre cinco professoras do Ensino Fundamental I de uma escola privada da cidade de Campina Grande/PB. A Escola X foi fundada em 1996, com poucos alunos. Após 20 anos de funcionamento, atualmente a escola conta com 583 alunos matriculados nos turnos matutino e vespertino. A escola oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. Seu quadro funcional é composto por 35 pessoas, sendo 28 professores, 1 coordenadora pedagógica e auxiliar, 1 gestora e uma auxiliar, 1 psicóloga e 2 auxiliares de serviços gerais.

Podemos dizer que a Escola X dispõe de uma estrutura física satisfatória, visto que apesar de suas salas serem pequenas, acomodam bem o número de alunos matriculados em

cada ano letivo. A quadra de esportes é coberta, serve para recreações, intervalos, aulas de dança e futsal, esses momentos são devidamente coordenados no início do ano para que não ocorra choque de horário. A cantina é terceirizada e os alunos podem comprar seus lanches durante o intervalo, após, a mesma é fechada. Conforme orientação nacional, não são comercializados doces e refrigerantes.

Existe também um parquinho adaptado para crianças menores de 5 (cinco) anos, com grama artificial e brinquedos de plástico. O almoxarifado da Escola X divide-se em duas partes, acomodando a papelaria da escola. O setor de mecanografia fica localizado na secretaria da escola. Tem também um ambiente para leitura que é a brinquedoteca, onde há mais de 150 (cento e cinquenta) livros paradidáticos e jogos didáticos. Não existe uma sala para os professores, eles ficam acomodados em um ambiente coberto, mas ao ar livre, com uma mesa grande. São dois banheiros destinados aos alunos da Educação Infantil, dois para o Ensino Fundamental e um para os professores. O espaço é bastante amplo, ventilado e bem conservado.

Como dissemos, os dados foram coletados a partir de um questionário constituído em partir de duas etapas, sendo a primeira dirigida ao perfil do educador, seguida de sete perguntas voltadas para a atuação profissional em sala de aula. No entanto, mesmo tendo sido entregue às cinco colaboradoras, apenas quatro devolveram os questionários respondidos. A quinta educadora se esquivou e não entregou suas respostas, e as demais tiveram o prazo de uma quinzena até que começaram a devolver o questionário.

3.2 Perfil das professoras colaboradoras

A partir das respostas dos quatro questionários verificou-se que a faixa etária das colaboradoras está entre 34 e 43 anos; com uma média de dois filhos. E em relação à formação acadêmica e tempo de atuação na profissão, as respostas indicaram que uma colaboradora se formou em 1999 no Magistério e atua há 16 anos, assim como a segunda colaboradora, que se formou 1998 e leciona há 4 anos, ambas cursaram a Escola Normal, sendo que esta última também fez o curso de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba; a terceira participante concluiu em 2013 o curso de Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú –UVA e atua há 15 anos, já a quarta educadora ainda está concluindo o curso de Pedagogia na mesma instituição mencionada anteriormente (UVA), mas atua como professora há 08 anos. Percebemos, portanto, que são adultas jovens, com uma média de 11 anos de magistério. No concernente, à formação, temos duas graduadas, conforme exige a LDB

9394/96, uma com ensino Normal Médio, conforme admite esta mesma Lei e uma em processo de graduação, ainda em conformidade com esta Lei. Apenas uma professora tem formação em universidade pública, visto que UVA, uma universidade pública estadual, funciona em Campina Grande, fora de sede, em regime semipresencial em serviço, nos moldes de instituição privada.

Quando questionadas sobre como se tornaram professoras e se estavam satisfeitas com a profissão, a colaboradora que chamaremos de A afirmou que começou a dar aula na igreja da qual faz parte, e que, em seguida, surgiu a oportunidade de trabalhar numa escola regular, ela ainda afirmou: “Estou satisfeita em parte, pois eu amo o que faço, se não fosse assim não seria muito fácil por causa da desvalorização que existe com a nossa classe”. Já a segunda professora, identificada aqui como B, disse que ser professora sempre foi um sonho, desde criança “um desejo de criança que sempre admirava os mestres com tanta inteligência”, B afirma que, “apesar de ter que dividir as atribuições da vida profissional com a vida pessoal e familiar, se sente satisfeita”. A terceira colaboradora, C, também se declarou feliz com a escolha profissional porque, afirmou, “foi onde encontrei meu dom de lidar com crianças”. Apenas uma professora, dentre as quatro que responderam o questionário, declarou que tem orgulho de ser professora, mas não está satisfeita com a profissão, para ela, que chamamos de D, a insatisfação se dá por conta da desvalorização.

Podemos inferir que as professoras não se sentem frustradas com a escolha profissional, mas consideram que falta a valorização da profissão, perceptível na ausência de melhores salários e políticas públicas voltadas para a educação que de fato reflitam no cotidiano de educadores e educandos. A satisfação expressada pelas professoras colaboradoras em trabalhar como pedagogas nos leva a pensar que estas se dirigem ao ambiente de trabalho com empenho porque fazem o que gostam, entretanto, não podemos desmerecer as condições adversas que enfrentam professores e demais profissionais da educação e o quanto estas impactam o desempenho profissional dos mesmos.

Quando perguntadas sobre se faziam planejamento, de que forma e com que periodicidade, as professoras colaboradoras foram unânimes ao afirmarem que sim. As quatro educadoras afirmaram que fazem o planejamento semanal, conforme a proposta do livro didático adotado pela escola e A ainda acrescentou que cumpre os projetos da escola. Todas mencionaram que fazem também um planejamento mensal.

O questionário continua perguntando às citadas educadoras o que mais chama a atenção das mesmas no plano de aula, se o conteúdo, o tempo ou o aluno. Das quatro, três responderam que os três elementos são importantes e devem estar interligados na hora de

planejar, sendo que a educadora D afirmou que: “a prioridade deve ser a atenção do aluno para assimilar as informações da aula”. Chamamos o planejamento de momento determinante por entendermos, assim como discute Libâneo (1994), que nele serão pensadas as ações a serem desenvolvidas em sala de aula e que estarão diretamente associadas ao método aplicado no processo de ensino.

Podemos dizer que o planejamento é parte do processo ensino e aprendizagem, todavia, é a partir das ações cotidianas em sala de aula que o processo se efetiva. As escolhas feitas durante o planejamento, adequações e adaptações devem se dá a partir da realidade escolar, mas, nesse processo há um elemento fundamental que é a capacidade avaliativa do educador para com a sua própria prática e a evolução do seu educando. De acordo com o que expõe Becker (1993. p.88), “o conhecimento não é algo terminado e ocorre pela interação, cuja ocorrência prevê a observação e reflexão das práticas cotidianas”.

Em relação à abordagem de novos conteúdos, a professora A disse realizar questionamentos prévios sobre o conhecimento dos alunos em relação ao determinado conteúdo para, em seguida, fazer a exposição do assunto. Enquanto que B afirmou contar algumas histórias, deixando os alunos participarem, dando sugestões, quando aproveita para mostrar “Como vai ser legal o novo assunto”. A professora C declarou fazer “através de leituras orais e coletivas, cartazes e jogos didáticos”. Já a educadora D disse: “são apresentados inicialmente por meio de discussão para o diagnóstico prévio de seus conhecimentos”.

Os relatos demonstram existir a preocupação de preparar o aluno para o conteúdo a ser transmitido, demonstrando, portanto, um “certo” distanciamento com o método tradicional de ensino e aprendizagem, visto que há por parte das professoras a preocupação em investigar possíveis conhecimentos prévios e ainda, podemos dizer, que contextualizar o conteúdo, numa tentativa de aproximação entre os alunos e estes e, portanto, uma estratégia de facilitar a aprendizagem. As afirmações também nos remetem à pergunta do questionário que indagava sobre que método de ensino a colaboradora mais se adequava.

Mesmo fazendo um “preambulo para iniciar um novo conteúdo”, a professora A declarou utilizar o método tradicional “pois é o que nós trabalhamos na escola. Mas sempre procuramos desenvolver este método com outros, sempre dentro da realidade de nossa comunidade escolar”. Por outro lado, a professora B respondeu: “acredito que todos, temos que ser flexíveis”. Declaração que nos faz refletir sobre a concepção de método que tal educadora tem e se a mesma compreende as implicações de cada um no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, para cada método há uma prática de ensino. A educadora C

afirmou utilizar o método tradicional, afirmando que “as crianças aprendem com mais convicção os conteúdos aplicados”, e D não respondeu inclusive às demais questões. Para D, não responder às questões que tratavam do seu método em sala de aula nos faz conjecturar sobre as possíveis causas de tal atitude: representaria o medo de expor sua prática? Se a mesma afirmou realizar planejamento, o que teria causado a recusa das respostas? Receio de julgamentos? Imprecisão sobre o que realiza em sala ou falta de conhecimento sobre os métodos existentes?

Mesmo que as professoras tenham admitido à adoção do método tradicional de ensino e aprendizagem no cotidiano da sala de aula, faz-se necessário frisar que, dado ao percurso dos estudos e avanços na área da educação, vários autores (Mizukami, 1986; Libaneo, 1994; Luckesi, 1990) advogam uma mescla no uso desses métodos, uma vez que estes não são totalmente puros, sempre guardam, trazem, resquícios de um outro.

A pergunta seguinte indagava se as docentes aplicavam o método com o qual elas se identificavam na escola em que trabalham e as três que responderam à questão afirmaram que sim e a professora B declarou que utiliza um pouco de cada método. E a professora C, que afirmou utilizar o método tradicional, declarou que esse método, juntamente com o caráter lúdico, faz os seus alunos atingirem a leitura.

Para Mizukami (1986), a linha pedagógica ou método de ensino aprendizagem tradicional é praticada de forma mecânica e, grosso modo, as particularidades não são respeitadas. Independente do conhecimento do aluno, ele sempre seria sujeito passivo e o professor sujeito ativo. Parece haver uma contradição em relação à concepção de método tradicional por parte das professoras, já que nas respostas elas parecem considerar a fala e a participação dos alunos. Certamente, a concepção tradicional, por parte das docentes em questão, esteja associada mais a uma mescla de métodos e concepções do que à especificidade do método tradicional.

O que é corroborado com as respostas das docentes, no tocante ao uso de material pedagógico quando afirmam fazer planejamento e seguir o roteiro do livro didático, uma professora declarou que utiliza cartazes para introduzir os conteúdos e outra docente afirmou oportunizar e provocar a fala aos alunos, o que não corresponde ao método tradicional, que centraliza a figura do professor.

Quando questionadas sobre a porcentagem dos conteúdos atingidos pelos alunos e o posicionamento das educadoras diante do referido dado, a professora A afirmou que 80% dos seus alunos conseguem assimilar o conteúdo com facilidade e ainda acrescentou: “Estou satisfeita com o desenvolvimento de minha turma, pois percebi um bom desenvolvimento e

evolução deles, do início do ano até aqui”. A mesma porcentagem foi indicada pela professora B, que atribui esse resultado à sua prática em sala de aula: “Todas as crianças quando bem trabalhadas e motivadas pelo professor, usando métodos e sendo incentivadas causa um grande impacto na vida dos mesmos”. E para a educadora C, “70% dos seus alunos compreendem bem os conteúdos” e diz que o resultado é corroborado pelo acompanhamento familiar, que ela considera necessário para a compreensão. Conforme já foi comentado, a professora D não respondeu as últimas perguntas do questionário.

Diante das informações expostas, podemos inferir que as docentes afirmam utilizar o método tradicional, quando, na verdade, suas práticas são permeadas por características que não correspondem à totalidade do método tradicional. Conforme vimos, a pedagogia tradicional não considera o educando, mas o educador como centro do processo, detentor do saber a ser transmitido e que o educando se submete à condição de receptor de saber.

Do mesmo modo, destacamos a imprecisão na compreensão do que seja o planejamento, uma vez que todas as professoras ao responderem o questionário afirmaram realizar o planejamento para suas aulas e, em seguida, declararam que seguem o livro didático, o que não descaracteriza o planejamento, mas aparenta ser o recurso utilizado como norte para suas aulas, e como sabemos o livro didático é um material previamente elaborado pela editora, de modo que pode e deve ser um recurso, mas não o único. Mais adiante, uma delas afirmou utilizar jogos e cartazes em sala, enquanto que outra afirmou contar histórias como estratégia para introdução de conteúdo.

Sendo assim, parece-nos existir uma lacuna entre teoria e prática dentre as docentes consultadas no presente trabalho. Fica evidente o interesse das educadoras, quanto a atingir os objetivos da instituição onde trabalham e contribuir com o aprendizado de seus alunos, mas não fica evidente que as práticas em sala correspondem ao que elas julgam aplicar, e que a ausência de clareza dos métodos pode não prejudicar o aprendizado porque o que declaram fazer, na verdade, não corresponde a totalidade do que de fato fazem, conforme nossa observação *in loco*. As educadoras colaboradoras não agem intuitivamente, elas têm concepção dos papéis e espaços em sala de aula, embora ainda estejam confusas em relação às correntes que perpassaram suas formações.

3 CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, destacamos a importância da escolha do método de ensino e aprendizagem para o processo de ensino-aprendizagem e para o bom funcionamento das aulas e, conseqüentemente, da escola. O método, além de estar diretamente associado ao que fazer em sala de aula pressupõe outras etapas imprescindíveis para a educação escolar, a exemplo do planejamento, momento de análise e escolhas de procedimentos, conteúdos e atividades. Pudemos constatar que, ao longo do tempo, várias correntes educacionais propuseram metodologias de trabalho em que educador e educando tiveram suas funções e papéis alterados em relação ao foco de atenção.

Mas a escolha do método utilizado em sala de aula continua sendo importante, por direcionar a ação do professor e viabilizar o acesso do conteúdo ao aluno. O presente trabalho traz o resultado de uma pesquisa realizada com professoras do Ensino Fundamental I, numa escola da rede privada da cidade de Campina Grande/PB. Distribuimos um questionário com cinco professoras. Apenas quatro os devolveram. A partir do questionário pudemos verificar que as docentes realizam atividades em sala de aula que afirmam fazer parte do método tradicional, mas que conforme observamos, em determinados momentos se descaracterizam do que seria o citado método.

Buscamos analisar as respostas das educadoras, as ações que as mesmas dizem desenvolver e a incidência dos métodos sobre estas o resultado de suas ações através da porcentagem de aquisição de conhecimento no processo de aprendizagem.

Assim, consideramos finalmente que as educadoras consultadas têm preocupação com a aprendizagem de seus alunos, que gostam do que fazem, mas que não têm uma definição muito precisa do método que elas próprias utilizam, uma vez que todas afirmaram utilizar em sala de aula o método tradicional sem se darem conta de que o que relataram como uso cotidiano, está além dele. Todas confirmaram um bom percentual de compreensão por parte dos alunos. Indubitavelmente, as educadoras em questão representam tantas outras que amam o que fazem, mas que se sentem inseguras sobre os liames que envolvem a metodologia utilizada em sala de aula.

Professor e aluno protagonizam o universo educacional em que a escolha do método pode ser determinante, facilitador ou entrave da aprendizagem, isso porque o método será o caminho, o como fazer para chegar ao ponto final, conforme pressupõe a etimologia da palavra.

ABSTRACT

The matters that involve teaching-learning have been discussed among researchers, teachers, parents, directors and the society in a general way. It happens because of the importance of the subject to the formation of students and, consequently, of the citizens too, while the education is in the base of social profile. Then, this article discusses the importance of choice of teaching-method, when this is the approach to be used in the classroom in the process of teaching-learning. For this, we try to understand the main problems to the non-acquisition of knowledge by the students according to the teachers; to describe the action of pedagogic practices of the observed teachers and to analyze the adequacy of used methods to contents and development level of students. The search has a qualitative nature and it began from a theorist's raise, that enabled the analysis of the wanted object, and the application of a questionnaire that collected the information that were analyzed here. Then, we conclude that the choice of method and its absence, defines the actions in the classroom, and the teaching-learning process is maybe associated to the method of teaching that enables the agents in the classroom: educator and student to live a routine that brings a mutual growth and the benefits are included in the citizenship construction.

Key words: Method. Classroom. Teaching-learning.

REFERÊNCIAS

BECKER, F. **O que é construtivismo**. Idéias. São Paulo: FDE, n.20, p.87-93, 1993.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96**. Brasília: MEC/CNE, 2000.

JOHSON, Andrew P. **Making connections in Elementary and Middle School – Social Studies**. Minnesota: Sage Publications, 2010.

LIBANEO, Jose Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo:Cortez,1990.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem Significativa**. Disponível em: www.if.ufrgs.br/~moreira/Subsidios6.pdf Acesso em 04 Set 2016.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Brasília: Ed. UnB/FUNBEC, 1970.

WOOLFOK, E. Psicologia da Educação (2009). Disponível em: <http://research.kinasevych.ca/2009/04/woolfolk-et-al2009-social-cognitive-and-constructivist-views-of-learning-ch9-in-educational-psychology/> Acesso em 05 set 2016.

Sites Pesquisados

MÉTODO. Dicionário Etimológico. Disponível em:

<<http://www.dicionarioetimologico.com.br/metodo>> Acesso em: 15 Set 2016.

PEDAGIGIA DE PROJETOS. Disponível em:

<http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogiadeprojetos/index.php?pagina=2> .Acesso em:
18 ago,2016.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



Universidade Estadual da Paraíba

O presente questionário é parte integrante de uma pesquisa da instituição acima citada, dentro da linha de Metodologia de Ensino aplicados em sala de aula das turmas iniciais do ensino fundamental.

Identificação da colaboradora

Nome do (a) professor (a)

Idade.

Estado civil.

N. filhos.

Formação:

Ano da formação:

Instituição:

Tempo de atuação:

Escolas onde trabalhou:

Vínculo com a escola:

Tempo de trabalho na escola:

- 1- Como você se tornou professora? Esta satisfeita com a profissão? Por quê?
- 2- Você faz planejamento? De que forma? Qual a periodicidade?
- 3- O que chama sua atenção na preparação do plano de aula, o conteúdo, o tempo ou seu aluno. Por quê?
- 4- Como são feitas as abordagens de conteúdos novos a seus alunos.
- 5- A qual método de ensino você se adequa mais. Por quê?
- 6- Você o utiliza nessa escola? Por quê?
- 7- É possível dizer qual a porcentagem de compreensão dos conteúdos atingida por seus alunos? Se positivo, qual o seu posicionamento perante esse dado?